

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS –DL

MARIA DA LUZ DE ANDRADE

O USO DA LEITURA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA TURMA DO 8º ANO NA
CIDADE DE FRUTUOSO GOMES/RN

PATU
2016

MARIA DA LUZ DE ANDRADE

O USO DA LEITURA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA TURMA DO 8º ANO EM
ESCOLAS DA CIDADE DE FRUTUOSO GOMES/RN

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Patu (CAP), como requisito para a conclusão do curso de graduação em licenciatura em letras português e suas respectivas literaturas.

Orientador: Prof. Me.Fernando de Azevedo Guedes

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas
e Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

a553u andrade, maria da luz de.
O USO DA LEITURA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA TURMA DO 8º
ANO NA CIDADE DE FRUTUOSO GOMES/RN / maria da luz de
andrade - 2016.
42 p.

Orientador: fernando de azevedo guedes.
Coorientadora: .
Monografia (Graduação) - Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte, letras-habilitação em língua portuguesa e suas respectivas
literaturas, 2016.

1. gêneros textuais. 2. leitura. 3. aprendizagem. 4. escola publica. I.
guedes, fernando de azevedo , orient. II. Título.

O USO DA LEITURA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA TURMA DO 8º ANO EM
ESCOLAS DA CIDADE DE FRUTUOSO GOMES/RN

Monografia apresentada à
Universidade do Estado do Rio Grande
do Norte (UERN), Campus Avançado de
Patú (CAP), como requisito para a
conclusão do curso de graduação em
licenciatura em letras português e suas
respectivas literaturas.

Orientador: Prof. Me. Fernando de Azevedo
Guedes

APROVADA EM ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profº. Ms. Fernando de Azevedo Guedes
(ORIENTADOR –CAP/UERN)

Profª. Ma. Maria do Socorro dos Santos
(1ª EXAMINADORA-CAP/UERN)

Profª Esp. Jaqueline Camargo do Nascimento Gonçalves
(2ª EXAMINADORA-CAP/UERN)

À minha mãe, pessoa que incansavelmente está ao meu lado em todos os momentos, felizes ou tristes, ajudando e colaborando com a criação dos meus filhos.

Ao meu pai, *in memoriam*, que está sempre presente em meu coração e, certamente, onde ele estiver, está zelando e torcendo por mim, orgulhoso desta minha vitória.

A meu esposo, José valentim que me incentivou em todos os momentos da minha vida, dando forças para continuar em busca da realização do meu sonho.

Ao Professor Me. Fernando Guedes, pessoa que participou deste trabalho com as primeiras discussões de uma vaga ideia, que agora se transformou em uma pesquisa realizada e muito proveitosa para minha aprendizagem.

AGRADECIMENTO

Quero agradecer imensamente ao senhor Deus, que me ajudou nesta caminhada, dando condições para fazer desse sonho uma realidade

A minha família que lutou e me protegeu em todos os momentos, dando carinho, apoio e coragem para seguir em frente e vencer todos os desafios.

Agradeço também a todo corpo docente do curso de letras do CAP-UERN, em especial a professora Silvânia Lúcia de Araújo silva, que teve a iniciativa de trazer o curso para o *campus*, na qual eu que pretendia cursar meu ensino superior. Nessa oportunidade tive o prazer de conhece-la e admirá-la por todas as suas qualidades e que me conquistou, sendo a turma pioneira do curso de letras CAP-UERN.

De forma especial, quero deixar meus agradecimentos a todos os professores que lecionaram diversas disciplinas durante todo o curso, na qual contribuíram de forma positiva para a minha formação, mostrando caminhos que me levou a descobrir um vasto conhecimento que carregarei por toda a minha vida.

Aplausos e agradecimentos para todos os professores citados a seguir: Claudio (coquinho), Márcia Fernandes, Gercina Dalva, Sueli G. Timóteo, Silvânia Lucia, Larissa Viana, Ariane Benício, Francisco Vieira, Fernando Guedes, Gorete Torres, Socorro Santos e Ananias Agostinho.

Meu muito obrigado a todos os colegas da turma pioneira do curso de Letras no CAP/UERN, pelas contribuições que foram feitas por todos que participava desta turma única.

“A língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. Bakhtin (2003, p. 265),

RESUMO: A presente monografia desperta para o ensino da leitura com os mais variados gêneros textuais presentes no nosso cotidiano, e que devem ser trabalhados nas escolas. Assim, esta pesquisa tem como objetivo investigar sobre as estratégias utilizadas em relação a aplicação dos gêneros textuais em sala de aula, o papel do professor para tornar alunos leitores, e como os alunos recebem os incentivos aplicados em sala de aula. A pesquisa foi desenvolvida em três escolas públicas na cidade de Frutuoso Gomes-RN. A modalidade de ensino são as turmas do 8º ano do fundamental II, tem como objetivo adotada nesta pesquisa para o desenvolvimento desta monografia foi a pesquisa qualitativa, que se estruturou por meio da aplicação de um questionário aos professores. Procurou-se mostrar por meio desse estudo a importância dos gêneros textuais em nosso dia a dia, e as formas de conhecimento sobre as variadas informações que a leitura dos mais variados gêneros pode proporcionar com uma perspectiva inovadora de ensino e aprendizagem com a leitura, utilizada em diversos aspectos, e com o conhecimento prévio que cada um tem, por exemplo. Para tanto, essa pesquisa apoiou-se nos estudos de alguns teóricos, entre eles: Solé (1998), Kleiman (2011), Bakhtin (2003), Freire (1998) e Marcuschi (2008) que aborda a temáticas dos gêneros textuais e da leitura. Ressaltou-se, ainda no contexto escolar, a necessidade de um ensino variado de leitura significativa que contribua para a formação de um leitor, para que possa compreender realmente aquilo que lê.

Palavras-chaves: Gêneros textuais. Leitura. Aprendizagem. Escola pública.

ABSTRACT: This monograph awakens to the teaching of reading with the most varied genres present in our daily lives, and that must be worked in the schools. This research aims to investigate about the strategies used in connection with the application of textual genres in the classroom, the role of the teacher to make students, as students receive incentives applied in the classroom. The survey was developed in three public schools in the town of Frutuoso Gomes-RN. The mode adopted in this research for the development of this monograph was the qualitative research, which is structured by applying a questionnaire to teachers. Sought to show through this study the importance of textual genres in our daily lives, and the forms of knowledge about the various information that reading of various genres can provide with an innovative perspective of teaching and learning by reading, used in several aspects, and with the prior knowledge that each one has, for example. For both, this research has supported studies in some theorists, among them; Solé (1998), Kleiman (2011), Bakhtin (2003), Freire (1998) and Marcuschi (2008) that deal with these topics on the text genres and reading. He stressed also the need for a varied read significant education that contributes to the formation of a reader, so you can really understand what they read.

Keywords: Text Genres. Reading. Learning. Public school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1- REFLEXÕES SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS	12
1.1 Gêneros: Conceitos e funcionalidades	12
1.2 As propostas dos PCNs em relação aos gêneros	17
CAPÍTULO 2- A TEORIA E A PRÁTICA DA LEITURA NA ESCOLA.....	23
2.1 O uso da leitura na sala de aula.....	23
2.2 Aplicabilidade da leitura na escola.....	26
CAPÍTULO 3-ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	30
3.1 Metodologia de pesquisa.....	30
3.2 características das escolas	31
CAPÍTULO 4- ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como instrumento de pesquisa o ensino da leitura dos gêneros textuais nas escolas de ensino fundamental II, especificamente nas turmas do 8º ano na cidade de Frutuoso Gomes-RN busca-se aqui fazer uma análise de como é aplicado o ensino da leitura dos gêneros textuais nas escolas estudadas, como os professores abordam o tema em sala de aula, que estratégias são utilizadas para o ensino dos gêneros na sala de aula, e quais são as respostas dadas pelos professores que lecionam a disciplina de língua portuguesa relacionada a essas abordagens no âmbito escolar.

É papel fundamental da escola, transmitir para os alunos o conhecimento a respeito da importância que a leitura traz para todo e qualquer conhecimento, e é função do professor ser o mediador nesse processo de conhecimento e aprendizado. Atualmente, percebe-se, que os alunos do Ensino Fundamental II apresentam grandes dificuldades de leitura e de interpretação de texto e, as aulas de Língua Portuguesa não privilegiam o ensino da leitura como deveria, ela existe para contemplar o ensino da gramática, que está mais presente nas aulas. Esse tipo de abordagem é uma das causas para as dificuldades encontradas por nossos alunos.

É de suma importância destacar que o ato de ler precisa levar o aluno à compreensão do texto lido, para que, a partir desse ponto, ele seja capaz de construir significados e produzir outros textos. Portanto, nesse estudo tivemos como apoio os seguintes teóricos, Paulo Freire (1998), Ângela Kleiman (2011), Ingedore Koch (2009), Maria Helena Martins (1994), Isabel Solé (1998), Mikhael Bakhtin (2003), Regina Zilberman (1995), Luiz Antonio Marchusci (2008) entre outros. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, que contou como elemento de investigação a aplicação de questionário para os três professores do 8º ano do ensino fundamental II, os mesmos trabalham dentro do município, embora que, cada um exerce sua função em escolas diferentes.

A presente pesquisa justifica-se em tentar encontrar novos caminhos para ter um ensino com maior qualidade, pois é a partir de uma aprendizagem de qualidade fundamentada em compromisso entre aluno, escola e comunidade entrelaçados num mesmo intuito, formar cidadãos críticos e reflexivos na sociedade atual. A prática para formar leitores vem através do incentivo e do empenho de quem está ali na formação do conhecimento de quem busca a aprendizagem. Diante desta realidade a leitura abre novos caminhos, permitindo se posicionar diante a realidade de cada um. O

leitor tem um desenvolvimento cognitivo em várias áreas, porque ler não é apenas decodificar as palavras, e sim, saber interpretar o que leu, reconhecer os sentidos que as palavras apresentam e diferenciar em cada contexto em que eles são empregados.

A escolha por essa temática surgiu desde a prática como professor em sala de aula, em que pudemos trabalhar com a diversidade de gêneros textuais usando de metodologias diferenciadas que colaborassem para os domínios dos gêneros propostos e na leitura na escola. Assim, surgiu a necessidade de dar continuidade nas pesquisas, e em especial saber como é a metodologia usada pelos docentes e o uso da leitura com os gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa e em especial no 8º ano, que é o foco desta pesquisa.

O objetivo deste trabalho é investigar a aplicação do ensino da leitura com gêneros textuais nas escolas de Ensino Fundamental II na cidade de Frutuoso Gomes\RN numa turma de 8º ano, buscando por meio da pesquisa qualitativa etnográfica, entender como é aplicado o ensino da leitura com uso dos gêneros textuais em sala de aula, e observar quais estratégias os professores utilizam em suas aulas e se os alunos apresentam uma resposta positiva a essas estratégias.

A presente monografia estruturou-se em três capítulos, que foram denominados da seguinte forma: o primeiro tem por título: **Reflexões sobre os gêneros textuais**, procurou-se conceituar os gêneros textuais e suas funcionalidades de uma forma ampla, baseando-se nos teóricos estudados que são percursores no assunto. O segundo capítulo é intitulado: **A teoria e prática da leitura na escola**, relatou-se sobre a teoria e a prática da leitura na escola, como ela é aplicada na sala de aula, e de que forma o hábito de ler é adquirida pelos alunos. O terceiro capítulo é relatado sobre: **Aspectos metodológicos da pesquisa**, abordou-se a pesquisa feita pela elaboração de um questionário para os professores que lecionam a disciplina de língua portuguesa. Para a realização desta pesquisa, cada professor respondeu às perguntas propostas, se baseando na realidade de cada sala de aula e as dificuldades que cada entidade apresenta, como também as limitações que os alunos possuem.

CAPÍTULO 1: REFLEXÕES SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

1.1. Gêneros: conceitos e funcionalidades

Trabalhar com a diversidade textual é uma possibilidade de mudança no processo de ensino e aprendizagem, na medida em que dinamiza as aulas e coloca o aluno em contato direto com uma variedade de textos que circulam no seu meio, com isso só podemos tornar-nos um bom leitor, através de uma prática constante de leitura e escrita.

A linguagem é, sem dúvida, o principal meio pelo qual o ser humano pratica a arte de ação interativa. É por meio dela que opinamos, sugerimos, discutimos, reivindicamos e exercemos qualquer atividade que desenvolva a prática oral ou escrita. No entanto, não podemos discutir linguagem sem antes mencionarmos o conceito de signo, pois a linguagem só existe mediante ele. De acordo com Bakhtin (1992), todo signo traz uma ideologia.

Bakhtin (1992) argumenta sobre a forma de como se dá a constituição de um sistema de signos, descrevendo que para acontecer tal evento é necessário que os indivíduos formem uma unidade social, pois cada um dos signos são criados por meio da interação social. Prova disso é a razão pela qual vivemos em uma sociedade na qual está constituída por uma diversidade de classes sociais. Segundo o autor, o signo faz parte de um sistema de comunicação social e ele só possui existência fora desse sistema como objeto físico.

Percebemos que é natural o emprego em cada comunidade discursiva, e que elas utilizam a imposição de suas características próprias da fala de cada ser, no local específico em que a língua circula no meio social. Marcuschi (2008) enfatiza esta ação que têm os discursos, por meio dos gêneros textuais, descrevendo a inserção deles nos fragmentos da sociedade e observa que essa imposição aparece por meio do exercício de poder que eles possuem em cada comunidade discursiva o seu próprio uso, dependendo do local em que cada indivíduo está inserido socialmente.

Para o autor a dinamicidade e a situacionalidade histórica dos gêneros mostra que eles não são classificáveis como formas puras nem podem ser catalogados de maneira rígida, se transformam no decorrer do tempo se adaptando com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder entre os povos, as tecnologias, as atividades discursivas do seu uso e da sua cultura.

Em suma, os gêneros são formações interativas, modalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos. Todas as nossas manifestações verbais mediante a língua se dão com o uso de textos e não como elementos linguísticos isolados na qual faz parte o contexto social de nossa vivência no mundo.

Os gêneros são desiguais em certas funções e é por isso que eles proliferam para dar conta da variedade de atividades desenvolvidas no dia a dia. Nesse sentido, Marcuschi (2003, p. 20) afirma que os:

Gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades do dia a dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontáveis em qualquer situação comunicativa.

Em geral, os gêneros desenvolvem-se de maneira dinâmica e com isso aparecem novos gêneros, com o desmembramento de outros já existentes, formando uma nova modalidade da inserção desses novos que entram para a nossa interação de acordo com as necessidades ou das novas tecnologias como: o telefone, o rádio, a televisão e a internet. Um gênero dá origem a outro e assim se consolidam novas formas de linguagem e comunicação com novas funções e atividades que vão surgindo e se adequando a cada realidade. Nem sempre temos algo essencialmente novo, e sim, derivado de outro, que surgem a partir de antigos gêneros se tornando inesgotáveis para podermos classificá-los.

Bakhtin (2003) afirma que o uso da língua se concretiza por meio de enunciados que são individuais e únicos. Apesar disso, “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (orais ou escritos) e esses são de possibilidades inesgotáveis dentro dos mais variados campos da atividade humana.

Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero que não é decidido ad hoc, como já lembrava Bakhtin(1953/1979) em seu célebre ensaio sobre os gêneros do discurso. Daí também a imensa pluralidade de gêneros e seu caráter essencialmente sociohistórico. Os gêneros são também necessários para a interlocução humana. (MARCUSCHI, 2008,p. 161)

Para Bakhtin, os gêneros têm seu próprio âmbito de existência e não podem ser substituídos aleatoriamente. O que determina o uso deste ou daquele gênero são as necessidades de comunicação entre os membros de uma determinada esfera social. Para ele, “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268). É mediante as necessidades do seu uso que os fenômenos linguísticos surgem no sistema da língua. “Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos” (BAKHTIN, 2003, p. 268)

Por serem extremamente vinculados às necessidades sociais e aos padrões históricos dos diversos campos da atividade humana, há dificuldade em registrar a quantidade de todos os gêneros. Há uma variedade incalculável de gêneros nas esferas da nossa sociedade. Por exemplo: na esfera jornalística temos o editorial, a carta do leitor, o artigo de opinião, os classificados, as notícias etc. Já na esfera religiosa, temos o sermão, a prece, a oração entre outros. Nesse sentido, ao passo que cada esfera da atividade humana se desenvolve, mais gêneros surgem para atender as exigências das práticas sociais ligadas a essas esferas, pois “são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Bakhtin elabora uma classificação para os gêneros do discurso, dividindo-os em dois grupos: gêneros discursivos primários e gêneros discursivos secundários. Os gêneros primários correspondem aos gêneros simples que fazem parte do nosso cotidiano e são produzidos onde cada esfera da atividade humana se realiza, materializando-se em seu contexto específico, como a conversação informal, os bilhetes pessoais, ou seja, na informalidade. Já os gêneros secundários são os gêneros complexos, mais elaborados, como, por exemplo, romances, conferências acadêmicas, pesquisas científicas entre outros. Esses gêneros secundários são desenvolvidos com base em um convívio cultural mais formal, e são geralmente, mas não exclusivamente, produzidos na modalidade escrita da língua, enquanto que os gêneros primários se utilizam, em sua maior parte, da oralidade.

Para Bakhtin (2003), o que determina se o gênero é primário ou secundário não é a modalidade da língua (oral ou escrita), mas as condições reais de produção

desse gênero, sendo que estas condições estão intimamente ligadas às esferas de comunicação em que os gêneros estão sendo usados.

Bakhtin(2003) apresenta como base para os seus estudos sociointeracionais, principalmente, o caráter dialógico da linguagem, que também funcionou como marco para os estudos dos gêneros discursivos. Para desenvolver sua teoria dos gêneros, Bakhtin(2003) fez críticas a algumas teorias linguísticas, especialmente nas discussões sobre a constituição do discurso, uma vez que, para muitas dessas teorias, falante e ouvinte assumem papéis estanques, em que o ouvinte exerce o papel apenas de receptor. Esse tipo de concepção é tido, por Bakhtin(2003), até certo ponto, como ficção. Para ele, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. (...) toda compreensão é prehe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Desse modo, concordamos com Bakhtin(2003) quando ele argumenta que as palavras e as orações, ao serem tratadas fora de um contexto, tornam-se impessoais; não são ditas nem escritas para ninguém. Mas, em se tratando de enunciados concretos, inseridos em uma prática social, existe um autor e um destinatário. Não há produção de textos sem interlocução, sem possíveis destinatários.

Para Bakhtin (2003, p. 301), todo texto tem um destinatário, seja ele “um participante-interlocutor direto do diálogo”; seja ele “uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural”; seja ele “um público mais ou menos diferenciado, um povo, [...] uma pessoa íntima, um estranho etc”. Seja qual for o destinatário, ele é sempre determinado pelo campo da atividade humana e da vida aos quais se referem os enunciados. São os destinatários, para quem falamos ou escrevemos, que determinam a composição e, em particular, o estilo do enunciado.

Marcuschi (2003) levanta vários argumentos como forma de distinguir essas duas entidades e apresenta uma noção de gênero textual inserida em um contexto sociohistórico. E tradicionalmente comum nos estudos escolares o uso de texto relacionando a carta, bilhete, receita, reportagem, poesia, fábulas etc. Isso constitui na construção do conhecimento na sala de aula de línguas, pois muitas das

propostas de produção de texto, oral ou escrito, se referem aos tipos textuais e aos gêneros, é necessário se explorar o conceito e a função de cada um na aprendizagem do alunado.

Marcuschi (2008) esclarece essa questão argumentando que tipo de texto são sequências textuais definidas pela natureza linguística que estão na sua própria composição. O que chamamos de gêneros textuais está muito além dessas sequências, envolvem características específicas que estão presentes na linguagem, como propósito comunicativo, interlocutores, suporte etc.

Para Marcuschi(2008), os gêneros caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais; mas isso não quer dizer que a forma deve ser desprezada. De acordo com o autor, os gêneros textuais são “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” (MARCUSCHI 2008, p. 19) e também colaboram para a ordenação e estabilização das atividades comunicativas do nosso dia-a-dia. Talvez seja por essa razão que, assim como surgem novos gêneros, eles também podem desaparecer, pois seu funcionamento está vinculado às necessidades e atividades em que cada um está sendo utilizado com as inovações tecnológicas e culturais. Um exemplo claro disso, é a grande circulação do gênero e-mail e uma grande redução no uso do tradicional gênero carta.

Segundo Marcuschi (2008), algumas vezes os gêneros são determinados pelas formas, na maioria das vezes pela função e, ainda outras vezes, pelo suporte ou ambiente em que o texto aparece. Como exemplo, o autor menciona o gênero artigo científico publicado em uma revista científica que, ao ser publicado em outro suporte, como um jornal diário, passaria a ser um artigo de divulgação científica; ou seja, o mesmo texto, em diferentes situações, não equivale ao mesmo gênero, se caracteriza de acordo com a situações na qual se encontram. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional.

Dessa forma, seria quase impossível identificar, todos os gêneros existentes, assim como é também pouco provável conhecê-los em sua totalidade e aplicabilidade. Em suma, o que caracteriza os gêneros textuais não são somente os aspectos formais, mas as funções que eles exercem nas práticas sociais do nosso cotidiano e na nossa vivência cultural de cada indivíduo.

1.2.As propostas dos PCN's em relação aos gêneros textuais.

Na última década, mais especificamente, depois da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), os estudos acerca dos gêneros textuais começaram a ecoar no campo da Linguística de Texto, como também suas relações com o ensino e com a aprendizagem de línguas, buscando atributos que dessem prioridade a todas as formas de interação. Esses estudos priorizaram as formas de interação entre as pessoas buscando sempre seu uso com os textos na escola, como também trouxeram novas propostas didáticas com abordagens baseadas nos mais variados gêneros.

É de fundamental importância orientar nossas atividades educacionais partindo do pressuposto de que nossos alunos estarão produzindo textos, e que eles se materializam com discursos vivos, interagindo verbalmente um com o outro, por meio de enunciados e não por meio de frases isoladas ou palavras soltas. Como afirma Bakhtin (2003, p. 265), “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”.

Diante da existência de incontáveis espécies de gêneros textuais, da flexibilidade que eles apresentam, funcionando por meio de adaptações nos ambientes, como também, do seu alto poder de atuação em todas as esferas sociais, é indispensável que toda essa dinamização da qual os gêneros estão envolvidos venha ser explorada no ambiente escolar com mais frequência, sobretudo, nos livros didáticos de português.

Os PCN's, especificamente, de língua portuguesa, vieram com o objetivo de orientar o professor sobre as mudanças que, constantemente, atingem a linguagem, e, conseqüentemente, o ensino da língua nas escolas. Seu principal objetivo é, a partir de suas orientações, refletir no professor de língua portuguesa, uma constante mudança metodológica, para que esse profissional esteja em contínuo acompanhamento com todas as transformações que envolvem a prática da linguagem e a língua portuguesa em uso na atualidade.

Na verdade, a ideia central dos PCN's está voltada para que seja estabelecida uma conduta mais coerente no ensino de língua portuguesa. Dessa forma, o programa serve como um referencial de qualidade para a educação básica em todo o País. Segundo o texto do próprio documento, sua principal função é

orientar e garantir a transparência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações. No início de suas orientações ao professor de língua portuguesa introduzem a dinâmica da linguagem, considerando o texto como a unidade básica da linguagem verbal, e que devemos utilizá-lo como instrumento dentro da sala de aula, tornando-o mais presente no cotidiano escolar dos alunos e trazendo-o para o contexto educacional, em que estão presentes os mais diversos gêneros textuais disponíveis na sociedade:

Cabe a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (BRASIL, 1997, p. 30).

Inferimos a partir dessa orientação, que o trabalho com os mais variados gêneros dentro da sala de aula, é importante do ponto de vista de preparar o aluno para o convívio com os mais distintos textos que circulam nos ambientes sociais. Os PCN's faz parte de uma ação política sobre a dinâmica dos gêneros no cenário social, por isso, discutem esse assunto por meio da expressão "universo dos textos que circulam socialmente". Outro fator importante em relação aos gêneros textuais nos PCN's é a questão de o documento esclarecer sobre a forte influência do ensino tradicional em não homogeneizar textos de outras disciplinas com os de língua portuguesa. Os PCN's afirmam que é de grande valia trazer textos de gêneros pertencentes a outras disciplinas com os textos especificamente pertencentes ao ensino de português.

Nas aulas de Língua Portuguesa, não se ensina a trabalhar com textos expositivos com os da área de História, Geografia e Ciências; e nessas aulas também não, pois considera-se que o trabalho com textos seja uma atividade específica da área de Língua Portuguesa. Em consequência, o aluno não se torna capaz de utilizar textos cuja finalidade seja compreender um conceito, apresentar uma informação nova, descrever um problema, comparar diferentes pontos de vista, argumentar a favor ou contra uma determinada hipótese ou teoria. (BRASIL, 1997, p.26).

Apesar de essa mistura de textos de várias disciplinas estar relacionado à interdisciplinaridade, não podemos negar que essa associação nada mais é do que

a mistura de gêneros, já que cada texto possui sua linguagem própria. A escola precisa estar atenta em relação às metodologias aplicadas acerca de como trabalhar com esse universo variado de textos. É preciso dinamismo para que eles sejam ensinados de maneira que o aluno compreenda, por exemplo, de onde surge determinado gênero, e qual a sua função perante a sociedade. A partir desse conhecimento extraído dos gêneros o aluno terá facilidade em expandir suas habilidades na prática de leitura, produção e compreensão de textos, e, até mesmo, em várias disciplinas aplicadas na sala de aula.

Segundo (BRASIL 1997), a importância de se trabalhar com diversos tipos de textos na sala de aula, é justamente porque eles representam um papel específico e significativo na aprendizagem do aluno, que contribuirá em sua inserção social: Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais.

[...] De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL 1997, p. 25, 26).

Assim, percebemos a importância de acompanhar os gêneros textuais que são representados no contexto fora do ambiente escolar, e inseri-los numa constante prática da aprendizagem, estabelecendo seus critérios como forma de elementos introdutórios da vida social. Neste sentido, uma das recomendações mais importantes encontradas nos PCN's no que tange à metodologia de ensino de língua portuguesa é quanto ao uso da língua para se comunicar numa perspectiva de necessidade. Isso porque o aluno está sujeito a transitar por inúmeros ambientes sociais, devendo estar preparado para essas diversas interações discursivas.

Essa representatividade do uso da linguagem nos faz refletir acerca das práticas concernentes à oralidade e a escrita. Os PCN's trazem, assim, orientações para as práticas de compreensão de modalidades oral e escrita, produção de textos (oral e escrito) organizadas em torno da reflexão quanto ao uso da linguagem. O vocábulo gênero é retratado nos PCN's pela estreita relação deste conteúdo

específico (gênero do discurso) com os usos efetivos da linguagem socialmente construídos nas diferentes práticas discursivas:

Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos. É por isso que, quando um texto começa com "era uma vez", ninguém duvida de que se está diante de um conto, porque todos conhecem tal gênero. Diante da expressão "senhoras e senhores", a expectativa é ouvir um pronunciamento público ou uma apresentação de espetáculo, pois sabe-se que nesses gêneros o texto, inequivocamente, tem essa fórmula inicial. Do mesmo modo, pode-se reconhecer outros gêneros como cartas, reportagens, anúncios, poemas, etc. (BRASIL, 1997,p. 23).

é por meio do discurso que o homem utiliza a língua oral e escrita, inserida em uma determinada situação comunicativa, abrangendo tanto o conjunto de enunciados que lhe deu origem quanto às condições nas quais foi produzido (BRASIL, 1997, p. 23).

Por isso é de extrema importância o ensino dos gêneros, pois tendo conhecimento do assunto, o aluno conseguirá utilizá-los de acordo com a esfera social em que eles estarão inseridos. Segundo o texto do documento, houve várias críticas no tocante ao ensino do funcionamento da linguagem, da forma em que o discurso era representado no contexto da aprendizagem. A visão era restrita em relação à interação da língua no cenário social, sobretudo, em todo seu processo discursivo que nos leva aos gêneros:

Durante os últimos anos, a crítica ao ensino de Língua Portuguesa centrado em tópicos de gramática escolar e as alternativas teóricas apresentadas pelos estudos linguísticos, principalmente no que se refere à consciência dos fenômenos enunciativos e à análise tipológica dos textos, permitiram uma visão muito mais funcional da língua, o que provocou alterações nas práticas escolares, representando, em alguns casos, o abandono do tratamento dos aspectos gramaticais e da reflexão sistemática sobre os aspectos discursivos do funcionamento da linguagem (BRASIL, 1998, p. 78).

Diante disto inferimos que há necessidade para um olhar diferenciado no que se refere ao ensino contínuo sobre a dinâmica da linguagem. O docente precisa trabalhar com o aluno atividades orais e escritas que venham influenciá-lo a refletir

acerca de toda essa dinâmica da língua, trazendo os gêneros textuais como melhor forma de demonstração. Os aspectos gramaticais, bem como o ensino das tipologias textuais não são conteúdos suficientes para inserir o aluno nos âmbitos da sociedade. O discente precisa estar também envolvido com as mais possíveis práticas que a linguagem está inserida, representadas pelos gêneros textuais.

Apesar de apresentarem aspectos positivos em relação à importância dos gêneros, os PCN's, conforme Marcuschi (2008), trabalham mais com a nomenclatura tipos de textos, ou sequências promovidas pelo discurso, considerando como gêneros apenas a realização linguística mais formal e não aqueles que são praticados em uma linguística no cotidiano. Observa também a ausência de esclarecimento da diferença entre oralidade e escrita: Este aspecto é complexo e não passa despercebido aos PCNs. Contudo, as observações são, no geral, vagas. Às vezes se trata de tipos de texto ou sequências discursivas (p.45) tais como: narrativa, descrição, exposição, argumentação e conversação. Em outros casos, trata-se de gêneros textuais (p.40 e 43): entrevista, debate, palestra, conto, novela, artigo, reportagem etc. Não se faz uma distinção sistemática entre tipos (enquanto construtos teóricos) e gêneros (enquanto formas textuais empiricamente realizadas e sempre heterogêneas).

Consideram-se apenas os gêneros com realização linguística mais formal e não os mais praticados nas atividades linguísticas cotidianas. O que mais salta à vista, no entanto, é a confusão entre oralidade e escrita. Pois não há clareza quanto a critérios que teriam sido usados para estabelecer essas distinções. Mesmo as exposições ao longo dos PCN's não ajudam a entender o procedimento nesse ponto. (MARCUSCHI, 2008, p. 209).

Convergindo com o conceito de Marcuschi (2008), acreditamos que, como principal referencial teórico, os PCN's deveriam retratar com mais minuciosidade todas essas questões que envolvem os gêneros tanto na oralidade como na escrita. Quanto a isso, Marcuschi (2008) ainda enfatiza que:

Os PCNs não negam que haja mais gêneros, mas estes não são lembrados. Por que não trabalhar telefonemas, conversações espontâneas, consultas, discussões etc., para a fala? Por que não analisar formulários, cartas, bilhetes, documentos, receitas, bulas, anúncios, horóscopos, diários, ata de condomínio e assim por diante, para a escrita? (MARCUSCHI, 2008, p. 211).

A referência trazida pelos PCN's em relação à aplicação de uma metodologia que venha abranger diversas situações comunicativas é descrita de forma ampla, mas sem definição dos elementos do discurso linguísticos: No processo de ensino e aprendizagem dos diferentes ciclos de ensino fundamental espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 32).

Nos PCN's, não estão transparentes as distinções que envolvem os gêneros textuais e os tipos textuais. E outra problemática é que não há instruções que sejam eficientes no que diz respeito a como trabalhar essas diferenças. Por isso, os professores devem desenvolver uma prática de ensino que privilegie o questionamento dos comportamentos linguísticos, de acordo com as diversidades sociais.

Esses comportamentos ocasionados por meio da língua são bastante citados nos PCN's, porém, precisam ser retratados dentro dos estudos dos gêneros textuais, fazendo uso dessa nomenclatura. Pois, ainda há poucas aparições desse nome no documento. Considerando o apresentado, percebemos que há necessidade de os PCN's esclarecerem um ensino de língua portuguesa que enfatize o tema gênero do discurso e que explore esse conteúdo de acordo com o contexto no qual estão inseridos os indivíduos presentes no processo ensino aprendizagem em evidência.

Como os gêneros textuais são elementos de introdução social, é fundamental que os mesmos convivam, mediante a oralidade e a escrita, com os diversos gêneros existentes e em seus mais variados ambientes em que eles circulam. É dever de todo estabelecimento escolar estar engajada em promover atividades que venham inserir o aluno nas mais diversas situações cotidianas de uso da língua. Seja em uma linguagem simples ou mais formal. É dessa forma que o aluno estará consciente para desenvolver, de forma criativa, suas habilidades linguísticas em todos os ambientes sociais nos quais ele está envolvido. Para isso, a escola é o local mais eficiente e adequado na obtenção desse conhecimento acerca dos gêneros e suas aplicabilidades na prática do ambiente escolar.

CAPÍTULO 2: A TEORIA E A PRÁTICA DA LEITURA NA ESCOLA

2.1 O uso da leitura na sala de aula

Sabemos que a leitura faz parte da nossa vida e que ela nos acompanha desde os primeiros anos de nossa existência quando começamos a falar as primeiras letras e a soletrar as primeiras palavras, o que nos vem à mente é a decodificação das palavras e dos signos, é o ato de ler, de atribuir sentido ao texto e a capacidade de interpretação, tentando decifrar o que está escrito e compreender o mundo e tudo que está à nossa volta, desde a leitura de um livro a um simples olhar em uma figura ou imagem que esteja chamando a nossa atenção como leitores que somos, uma propaganda, um noticiário entre outros meios de comunicação.

De acordo com Martins (1994, p. 23), —a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto que está sendo lido, seja na escrita, no som, um gesto, uma imagem, um acontecimento. Dessa forma:

Seria preciso, então considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem ela acontece. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito como a outros tipos de expressão do fazer humano e da leitura do mundo a qual vivemos, na qual é caracterizado como acontecimento histórico e como uma relação igualmente histórica entre leitor

A leitura é um ato que depende de estímulo e de motivação contínua, e para que isso aconteça é preciso buscar fazer a leitura de tudo aquilo que agrada ao nosso próprio gosto como leitor. Sua prática é uma tarefa essencial para a construção do conhecimento e da formação do indivíduo, além de ser geradora de sentimento e de opinião crítica, exercendo sobre o indivíduo o poder de expandir seus horizontes e ampliação do que antes era apenas um desconhecido.

É uma atividade que em cada leitor produz um significado de acordo com a experiência e o conhecimento que cada um tenha. Segundo Paulo Freire (1998), ler não é apenas um processo de decodificação de palavras escritas. Assim:

Não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura

crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto (FREIRE, 1998, p.11)

Para Koch (2009), a leitura é um ato social entre dois sujeitos, leitor e autor, que interagem entre si, obedecendo aos objetivos e as necessidades socialmente determinados. É uma atividade na qual se leva em conta os conhecimentos do leitor, exige mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é apenas um produto de codificação. Exige uma participação intensa do leitor, pois ele aplica ao texto seus conhecimentos que já estão armazenados adquirindo, e facilitando a construção de sentidos na qual a leitura lhe proporcionou

É por meio da leitura, e de várias leituras, que o leitor passa a levantar suas próprias críticas, formular suas hipóteses e compreender melhor o que está escrito ou dito. Ler não é somente passar os olhos no papel, e sim, é uma prática criadora de sentidos e compreensão do que foi lido.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção e significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita (BRASIL, 1997, p.53).

A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa interpretar e compreender o que se lê. Segundo Kleiman (2011, p. 25) a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio, ou seja, o leitor utiliza na leitura anterior todo conhecimento adquirido ao longo de sua vida. Mediante a interação de diversos níveis de conhecimento é que o leitor consegue construir o sentido do texto. Entende-se que é importante o conhecimento prévio do indivíduo na prática da leitura, pois é esse conhecimento, mencionado anteriormente, que traz possibilidades para o leitor fazer a inferência de significados e de construção do seu próprio conhecimento. Ainda segundo a autora, vários são os níveis de conhecimento que entram em jogo durante a leitura e que são imprescindíveis para o processamento textual:

[...] o conhecimento linguístico, o conhecimento textual, o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento de compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes discretas se juntam para fazer um significado. O mero passar de olhos não é leitura, pois a leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos (KLEIMAN, 2011, p. 26).

Segundo Kleiman (2011), existem três espécies de conhecimentos na leitura, destacados a seguir:

- Conhecimento linguístico: é o conhecimento implícito não verbalizado e nem verbalizável, abrange desde o conhecimento a respeito de como pronunciar português, passando pelo conhecimento das regras da língua, chegando até o conhecimento a respeito do uso da língua. Desempenha um papel central no processamento do texto, permite a identificação de categorias lexicais e das funções das frases, essa identificação é que permite que o processo de leitura continue, até chegar à compreensão do texto. É um componente do conhecimento prévio sem o qual a compreensão não é possível.
- Conhecimento textual: é o conjunto de noções e de conhecimentos a respeito do texto, permitindo que o leitor identifique o tipo e a estrutura do texto no momento da leitura.
- Conhecimento de mundo ou enciclopédico: é a bagagem de informações do leitor, tudo que ele traz na memória, tudo que foi adquirido tanto formalmente como informalmente. Quando um leitor tem em mãos um texto para ler, sua primeira expectativa é que compreenda o texto e que sua leitura alcance o sentido proposto.

Kleiman (2011) afirma que quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, será mais fácil a sua compreensão. Com isso, para uma leitura satisfatória todos os conhecimentos adquiridos formam parte do conhecimento prévio e devem ser utilizados durante a leitura.

A ativação do conhecimento prévio é, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer colocações necessárias para se relacionar em diferentes partes contidas no texto de forma coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente do leitor proficiente (KLEIMAN, 2011, p. 25).

Nessa linha de pensamento, Solé (1998) afirma que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto. Esse processo conta com a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto com o objetivo de guiar sua leitura. Nesta compreensão intervêm tanto a forma e o conteúdo do texto, como o leitor e seus conhecimentos prévios, conhecimentos estes, que possibilitam ao leitor fazer inferências de significados que resultam em uma melhor compreensão do texto.

Além do que já foi mencionado, é importante destacar que para ter uma boa leitura é imprescindível que o leitor esteja comprometido, que mantenha um posicionamento crítico e reflexivo a respeito do que lê. Desse modo, o leitor cria um processo de interação com o texto, permitindo-se ultrapassar as barreiras dos códigos e dos símbolos, dando lugar a uma relação da qual não pretende se desprender. Pois a leitura capacita ao leitor a ampliação de conhecimentos e possibilita a evolução social do indivíduo. Assim, pode-se dizer que o processo de leitura, compreensão e interpretação de texto é uma atividade a ser praticada com o intuito de abrir o leque de conhecimento e oportunidades ofertadas ao leitor.

2.2 aplicabilidade da leitura na escola

O desejo pela leitura não nasce com o indivíduo, ele é adquirido com o tempo e também com a prática de ler que cada um tem quanto mais praticamos a leitura ela se torna mais interessante no prazer por ler. É necessário apontar que a escola tem papel fundamental nessa construção de formar um leitor, é a partir do incentivo que a escola transmite que o indivíduo tem o primeiro contato com a leitura e a produção da mesma. É de responsabilidade da escola promover condições e estratégias para que ocorra o interesse de crescimento individual de cada leitor, que tem a função de desenvolver e despertar no aluno o hábito pela leitura e mostrar sua grande importância na construção do próprio conhecimento do código linguístico.

O professor exerce o papel de mediador e condutor para o desenvolvimento cognitivo do alunado. É oferecer condições de ir mais além, trazer o novo e descobrir o prazer que a leitura pode nos proporcionar, ajudando no

desenvolvimento de estratégias que o possibilite chegar a uma aprendizagem proveitosa e significativa. Portanto, podemos dizer que ensinar estratégias é direcionar o aluno a uma leitura organizada que o torne um leitor que seja capaz de compreender a diversidade de textos existentes e, a partir disso, seja capaz de levantar questionamentos e hipóteses e ideias. Dessa forma:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, ideias, situações reais ou imaginárias (MARTINS, 1994, p. 34)..

Para Solé (1998), as crianças constroem conhecimentos relevantes a respeito da leitura e da escrita e, se tiverem oportunidade, se alguém for capaz de se situar no nível desses conhecimentos para apresentar-lhes desafios ajustados, poderão ir construindo outros novos.

A importância da leitura feita por outros reside em que contribui para familiarizar a criança com a estrutura do texto escrito e com a linguagem, cujas características de formalidade e descontextualização as distinguem da oral. Por outro lado, a criança pode assistir muito precocemente ao modelo de um especialista lendo e pode participar de diversas formas de tarefa de leitura (olhando gravuras, relacionando-as com o que se lê, formulando e respondendo perguntas, etc.) assim constrói-se paulatinamente a ideia de que o escrito diz coisas e que pode ser divertido e agradável conhecê-las, isto é saber ler (SOLÉ, 1998, p. 55).

A autora afirma ainda que uma abordagem ampla do ensino inicial da leitura e da escrita pressupõe que o professor deve aproveitar os conhecimentos que a criança já possui, aproveitar as perguntas que são feitas pelas crianças em sala de aula, aproveitar e aumentar seus conhecimentos prévios em geral.

O ensino inicial da leitura deve garantir a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como meio de construir os conhecimentos necessários para poder abordar as diferentes etapas da sua aprendizagem. Isso implica que o texto escrito esteja presente de forma relevante na sala de aula – nos livros, nos cartazes que anunciam determinadas atividades[...] (SOLÉ, 1998, p. 62).

Ainda segundo a autora, as estratégias ensinadas devem permitir que o aluno planeje a tarefa geral de sua leitura, auxiliando no processo de formação de leitores autônomos, tornando-os capazes de enfrentar, de forma inteligente, os diversos tipos de textos, que, na maioria das vezes, podem ser considerados difíceis por não fazerem parte da sua realidade, ou por terem sido mal escritos e por não serem nada criativos. Desse modo:

Formar leitores autônomos também significa formar leitores que sejam capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte de seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes. (SOLÉ, 1998, p. 72).

Nesse contexto, seria interessante lembrar que a aprendizagem da leitura na escola é fundamental para a integração do aluno no mundo literário e para a formação do cidadão. E da escola o papel de transmitir esse conhecimento, porém, um ensino de leitura mal aplicado pode causar danos ao processo de interação entre aluno e leitura.

É importante ressaltar que o ensino da leitura muito bem aplicado em sala de aula contribui muito no que diz respeito às séries futuras do currículo escolar do aluno, tanto Ensino Médio quanto Ensino Superior. É imprescindível que se tenha uma boa formação no ensino fundamental, para que, ao ingressar no ensino médio, o aluno sinta-se preparado para o novo nível e não sinta dificuldades ao realizar as leituras exigidas nas disciplinas.

PCN's (1997), se o objetivo da escola é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes tipos de textos com os quais se deparam no decorrer de suas vidas, seja no ambiente escolar ou fora dele, torna-se necessário que a atividade de leitura tenha sentido para o aluno.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (Parâmetros Curriculares Nacionais: Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, 1997, p.58).

É dele o papel de conduzir a aula, proporcionando situações de leituras diversificadas, ajudando os alunos a interrogarem o escrito: como a procura de

sentidos e de hipóteses, a partir de indícios e de verificação, ajudando a elucidar suas próprias estratégias, facilitando, assim, a interação e a participação. Dessa forma, despertando o prazer pela leitura.

Cabe ao educador estimular o aluno a ter o desejo pela leitura, trabalhando de diversas formas e usando diversas estratégias, colocando-se na condição de parceiro e servindo como modelo, passando segurança, de maneira que o aluno veja no professor o perfil de um bom leitor e perceba a importância da leitura na vida do indivíduo, seja na escola ou fora dela. Portanto para tornar os alunos bons leitores

para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura -, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisarão fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisarão torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a —aprender fazendo. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (BRASIL, 1997, p.58).

Para Zilberman (1995), a área da leitura tem um lugar de destaque no aprendizado sua prática ocupa toda a carreira escolar do aluno. Se estimulada e exercitada com maior atenção pelos professores, intervém em todos os setores intelectuais que dependem para a difusão do livro, repercutindo especialmente na manifestação escrita e oral do estudante.

Desse modo, em concordância com Zilberman, o que se defende é que a leitura deve ser ensinada e desenvolvida entre os alunos, pois trata-se de um processo muito importante na vida do indivíduo de uma forma geral. Seu ensino é o maior desafio da escola, pois é um dos caminhos mais importantes para a aquisição de novos saberes, uma vez que é da escola que saem os leitores críticos e todos os profissionais e cidadãos que compõem a sociedade brasileira.

É papel da escola ensinar e motivar o aluno para que ele adquira o hábito da leitura. Mas deve-se destacar que para se obter um resultado favorável no que diz respeito à educação e, conseqüentemente, ao ensino da leitura e da escrita, a escola, juntamente com professores empenhados no seu trabalho, contam com o auxílio da família e da sociedade para que essa finalidade seja atingida com total êxito.

CAPITULO 3: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 metodologia de pesquisa

Neste capítulo, utilizou-se de uma abordagem teórico metodológico de caráter exploratório, com a finalidade de perceber a prática disciplinar dos professores em relação a temática desta pesquisa, e também o funcionamento do trabalho dos mesmos com uso da leitura com os gêneros textuais.

O estudo mencionado foi realizado em três escolas, sendo duas escolas públicas estaduais e uma escola pública municipal na cidade de Frutuoso Gomes-RN, com o objetivo de observar como é a prática das escolas pesquisadas e como trabalham com a leitura dos gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa. Além disso, foi analisada a prática pedagógica dos professores que lecionam essa disciplina, bem como a metodologia escolhida para incentivar os alunos a ler, interpretar e produzir textos.

Para essa pesquisa foram utilizadas coleta de dados, no que segue a aplicação de um questionário com perguntas descritas com os professores a respeito do uso das leituras com gêneros textuais, e como se dava a utilização destes dentro da prática pedagógica individual de cada educador.

Procuramos explicitar os aspectos metodológicos aplicado com os membros desta pesquisa, onde foi feita aplicação de um questionário com 3 professores de escolas públicas do município de Frutuoso Gomes que atuam no ensino fundamental II, especificamente nas turmas do 8º ano, um deles exerce sua função na escola do município, enquanto os outros dois são lotados nas escolas estaduais do mesmo município.

O questionário é uma forma de coleta de dados que é constituído por uma série de perguntas ordenadas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. O questionário consiste em traduzir os objetivos de uma pesquisa onde aplica perguntas claras e objetivas, essas perguntas podem ser dos tipos abertas, fechadas e de múltipla escolha.

A modalidade escolhida para o desenvolvimento deste trabalho são para os professores que lecionam a disciplina de língua portuguesa, neste caso, analisa a interpretação das ações no ambiente escolar de professores com seus alunos, e quais reações são apresentadas para a aprendizagem e conhecimento relacionados a leitura sobre dos diversos gêneros textuais na escola.

3.2 Características das escolas

A pesquisa foi elaborada em 3 escolas públicas do Ensino Fundamental II nas turmas do 8º ano no município de Frutuoso Gomes\ RN: Escola Municipal Ernesto Ferreira (professor A), Escola Estadual Frutuoso Gomes(professor B) e a Escola Estadual Ivonete Carlos(professor C) .

A escola Municipal Ernesto Ferreira funciona em um prédio térreo, distribuídos em salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, sala de vídeo, secretaria , sala de recursos multifuncionais , auditório, cozinha, banheiros e depósito de merenda. Teve sua inauguração em 22 de agosto de 1988 e seu nome foi em homenagem ao avô do prefeito da época, a escola possui 474 alunos matriculados nas series de pré I até 5º ano do fundamental I e do 6º ao 9º do ensino fundamental II e também turma de EJA do ensino fundamental I e II, tendo seu horário de funcionamento nos turnos matutino, vespertino e noturno . A equipe que compõe a escola é composta por diretor ,vice-diretor, coordenadores, bibliotecários, professores e equipe de apoio com: merendeira, vigia e ASG.(auxiliar de serviços gerais)

Outra escola foi a Escola Estadual Frutuoso Gomes, onde funciona em prédio somente no térreo, com distribuição de salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, secretaria, sala de recursos multifuncionais , cozinha e banheiros. Foi construída em 1949, mas só veio funcionar no ano de 1952, ela tem esse nome em homenagem ao doador das terras na qual foi construída, possui 212 alunos matriculados entre as series do ensino fundamental I do 1º ao 5º ano e fundamental II do 6º ao 9º ano, com funcionamento nos turnos matutino e vespertino. Compõe a equipe da escola: vice-diretor que atualmente assume por virtude da aposentadoria do atual diretor, coordenadores pedagógicos, coordenadores financeiros, bibliotecários, professores, técnicos administrativos e equipe de apoio com: merendeira e ASG.

Para dar continuidade a esta pesquisa, outra escola entrou neste campo, a Escola Estadual Ivonete Carlos, onde funciona em prédio térreo e um andar superior, com distribuição de salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências, secretaria, sala de recursos multifuncionais, cozinha e banheiros. Foi construída em 1975, com funcionamento em 1976, ela tem esse nome em homenagem a uma ex-aluna que sonhava ser professora daquela entidade, mas veio a falecer por problemas de saúde, Possui 212 alunos

matriculados entre as series do ensino fundamental II do 6º ao 9º ano e também tem ensino médio.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi estabelecido contato com a direção de cada escola, a fim de obter autorização para a coleta de dados que se deu na aplicação do questionário para o professor regente e para as informações daquela entidade na qual estava tendo suas características aplicadas no estudo

CAPITULO 4: ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Dando sequência a esta pesquisa, iniciamos a análise com as perguntas do questionário aplicado aos professores. O questionário apresenta nove questões, todas elas abertas, que permitem ao entrevistado responder livremente, usando linguagem própria emitindo opiniões sobre cada vivência no ambiente escolar e trazendo conhecimento sobre sua formação.

Para a aplicação do questionário foi de forma aleatória, pelo motivo de cada professor pertencer a uma escola diferente. Primeiro explicou-se a respeito de sua finalidade, e de que forma ele contribuía para esta pesquisa, em concordância com todos os colaboradores, foi dado continuidade a pesquisa.

Quadros : Questionário aplicado com os professores

P1: QUAL A SUA FORMAÇÃO E HÁ QUANTO TEMPO LECIONA ESSA DISCIPLINA?

Em resposta a essa pergunta, o professor "A" disse ser pedagoga e leciona a disciplina de língua portuguesa há 05 anos. Já o professor "B" disse que sua formação inicial e pedagogia, tem especialização em psicopedagogia e mestrado em ciências da educação, leciona essa disciplina há 27 anos. Enquanto que o professor "C" respondeu que tem formação em pedagogia, cursou até o 7º período de matemática e atualmente está cursando licenciatura em educação física, e leciono a disciplina há um ano.

P 2: QUAL ESTRATÉGIA VOCÊ USA PARA DESPERTAR O HÁBITO DE LEITURA EM SEUS ALUNOS?

Para responder esta pergunta, o professor "A" disse que ,geralmente procura trazer textos atraentes com conteúdos chamativos, no intuito de despertar neles o gosto pela leitura, o professor "B" comentou que apresenta aos alunos parte do livro que desejo que seja lido. A biografia resumida de alguns autores e lança desafios. Se quero trabalhar com os gêneros apresento-os em rodas de leitura, cd's como os utilizados nas olimpíadas de Língua Portuguesa, peço que tragam

algum e façam a leitura na sala e recolho as vezes formando murais ou portfólio e retorno no fim do ano. Mas o professor "C" ressalta em suas respostas que, Quando vou trabalhar com leitura sempre peço para os alunos fazerem uma leitura silenciosa e logo em seguida peço para dizerem o que entenderam da leitura através de algumas perguntas, depois sugiro a leitura coletiva e logo em seguida peço para fazerem a interpretação do texto, em outras situações trabalho com a leitura de alguns livros e peço que façam um resumo do livro para socializarem com os colegas. Diante do que foi exposto posso dizer que nem sempre essas estratégias contribuem para a formação de leitores, pois vejo que tenho que pensar em outras estratégias que venha a despertar de forma significativa o gosto dos meus alunos pela leitura.

Comentários: Percebe-se que os professores utilizam de técnicas diferentes para atrair seu alunado para a leitura, enquanto inicialmente começa a aula com leitura com seleção de textos chamativos que possam causar curiosidade entre os educandos, buscando trazer a leitura como algo prazeroso na sala de aula, o outro apresenta a leitura para seus alunos como tarefa didática no livro, representando desafios que venham trazer a turma para o diálogo, usando a roda de leitura, mídias tecnológica e criação de espaço criado pelos próprio alunos com seus estudos em sala de aula para promover o incentivo de ler e produzir seu próprio texto, em confronto com outra ideia seguinte vemos um professor que inicialmente expõe seus anseios em relação aos seus métodos aplicados na hora da leitura, pois o mesmo acredita que suas estratégias necessitam serem inovadas para trazer o gosto pela leitura dos seus alunos em sala de aula.

<p>P 3: OS LIVROS E TEXTOS TRABALHADOS EM SALA DE AULA CONTRIBUEM PARA DESPERTAR O INTERESSE PELA LEITURA OU SÃO TRATADOS APENAS COMO TAREFA ESCOLAR?</p>

Em resposta a essa pergunta o professor "A" disse que, na maioria das vezes contribuem para despertar o interesse, visto que os textos são selecionados de forma intencional para incentivar o habito da leitura, já o professor " B" afirma que , Com certeza contribuem, apesar de não atingir 100% da turma, há aquele que se interessa por quase todos os gêneros trabalhados, mas a crônica é o que chama mais atenção ,enquanto que o professor "C" comenta que, não ,pois o livro vem

dividido em unidades e na maioria das vezes cada unidade tem apenas dois ou três textos. Textos estes que são vistos pelos alunos como coisas sem necessidades.

Comentários: Ao serem questionados sobre esta pergunta citada acima, percebemos que dos 3 professores citados, dois concordam que as atividades do livro trazem contribuição positiva para seus alunos, pois mostra sua importância para o conhecimento e que a seleção desses textos são aplicados de forma que venha atrair o público na qual está sendo selecionado, enquanto que o terceiro professor não concorda que os livros e textos que estão sendo utilizados, não atende as necessidades que os alunos esperam, o mesmo comenta que a forma de leitura que são apresentadas para os alunos são vistos como coisas sem necessidades de ser trabalhados, essa desmotivação pela leitura, pode ser resultado de escolhas e recursos que lhe são apresentados durante as aulas.

P 4: PARA VOCÊ QUAL O PAPEL DA ESCOLA NO ENSINO DA LEITURA?

O Professor "A" afirma que a escola tem o papel crucial nesta prática, visto que a mesma possui artifícios eficientes para estimular o aluno a desenvolver a prática da leitura, e o professor "B" diz que seu papel é oferecer os mais variados suportes de leitura com todos os gêneros possíveis, além de proporcionar um ambiente agradável e convidativo para o aluno; já para o professor a escola deve apoiar o professor no momento de elaborações de projetos de leitura e execução. Enquanto que o professor "C" em suas palavras disse que busca disponibilizar diferentes recursos que possam contribuir para o ensino de leitura e incentivar os alunos na leitura através de concursos.

Comentários: Nesta perspectiva levantada, todos concordam que a escola tem o papel fundamental para a formação de um leitor, e que cada uma possui suas ideias que possam vir contemplar a seu público, vindo como apoio da escola e da família para que todos possam contribuir nessa formação que deve ser estimulada por parte de todos que fazem parte da esfera, onde engloba a união como ponto forte de obter bons resultados na formação de todos os estudantes.

P 5: EM SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O INDIVÍDUO NA SOCIEDADE?

Em resposta a esta pergunta o professor “A” ressalta em suas palavras, a leitura e sem dúvida uma porta essencial para o conhecimento, e é através dela que a sociedade pode encontrar o caminho para o sucesso. A leitura também pode desenvolver a criticidade nos mais diversos aspectos do conhecimento, arma poderosa para se lutar por direitos que pode ser negados, enquanto que o professor “B” tem em mente que ,a leitura tem um papel fundamental na promoção da cidadania, uma vez que torna o indivíduo mais independente e capaz de resolver situações sem a ajuda de outros além de contribuir na opção profissional, já o professor “C” Acha importante para o indivíduo na sociedade pelo fato de ser através da leitura que se adquirimos conhecimentos dos mais variados assuntos, e ainda por ser através da leitura que se tornamos seres críticos e reflexivos.

Comentários: A esta pergunta, todos os pesquisados concordam que a leitura e uma porta aberta ao conhecimento de todo ser humano, visto que, e por meio do conhecimento que desenvolvemos a nossa capacidade de pensar e agir, perante todas as situações na qual podemos nos submeter com ser humanos inseridos em uma sociedade altamente competitiva, daí a necessidade de conhecer o que e de nosso direito e também nossos deveres como cidadãos com opinião e criticidade

P 6: QUAL A SUA OPINIÃO A CERCA DA IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA O ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA?

O professor “A” relata em sua prática escolar que o uso dos gêneros textuais apesar de sua abrangência, são uma arma poderosa para o professor de língua portuguesa, pois através dos tais ,o mesmo pode trabalhar a leitura, a escrita e a gramática nos mais diversos meios de execução, o professor “B” diz que os diferentes gêneros textuais tem papel de destaque no ensino da língua portuguesa porque traz os conhecimentos necessários para outros conteúdos, Eles proporcionam ao aluno estabelecer relações entre os diversos textos em diversos suportes e favorece a construção do texto bem como os diferentes usos em contextos diversos que possa fazer de produções textuais, enquanto que o professor “C”, em seu comentário sobre esse questionamento diz que, acha muito importante

os gêneros textuais no ensino de língua portuguesa pelo fato de levar o conhecimento de diversas tipologias textuais de diferentes assuntos.

Comentários :Em relação a aplicabilidade dos gêneros textuais, ele possui uma abrangência com forte poder de destaque na construção do saber, ela e uma atitude urgente que o professor deve ter com seus alunos, ele proporciona inúmeras relações de conhecimento amplo para a vida cotidiana de qualquer ser humano, em diferentes esferas sociais na qual ele esteja inserido, através do uso da leitura com gêneros possibilita trazer um mundo de possibilidades com diferentes temas na leitura, escrita e compreensão textual na sua mais variada execução de ensino.

P 7:QUAIS GÊNEROS TEXTUAIS SÃO MAIS TRABALHADOS NA SALA DE AULA? JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA.

Para o professor “A” foi feita a pergunta citada acima, o mesmo diz que , os gêneros mais trabalhados são o poema, a crônica, o conto e o artigo de opinião, pois são gêneros mais presentes no livro didático e também estão em consonância com a realidade do desenvolvimento cognitivo dos alunos, a mesma pergunta foi feita para o professor “B”,na qual o mesmo disse, os Poemas, crônicas ,notícias ,propaganda, carta do leitor, relato pessoal, contos e textos argumentativos ,de modo geral, pois esses gêneros permitiu o entendimento funcional e são usados em situações nas quais o aluno e frequentemente cobrado na sociedade, especialmente quando pretende ingressar em escolas federais ou universidades, já o professor “C” comentou em sua resposta que são, os Contos, mitos, romances, textos científicos entre outros, são trabalhados esses gêneros pelo fato de virem no livro didático.

Comentários: O questionamento descrito acima, trata dos gêneros textuais mais trabalhados nas salas de aulas pesquisadas, na qual foram respondidas que são os poemas, crônicas ,notícias, propagandas, contos ,artigos, textos argumentativos entre outros, justificando a escolha desses gêneros ,são mais trabalhados pelo fato de está muito presente nas situações em que os educandos são mais cobrados na sociedade e também pela cobrança maior no livro trabalhado em sala de aula pelos professores.

P 8:COM QUAIS GÊNEROS TEXTUAIS OS ALUNOS TEM MAIS DIFICULDADE EM APRENDER? A QUE VOCÊ ATRIBUI ESSAS DIFICULDADES ?

O professor "A" afirma em seu comentário, eu acredito que até o momento os alunos estão sentindo dificuldade em construir um "poema", pois eles sentem mais dificuldades na questão da formação das rimas e nos tipos de versos, já o professor "B" relata que em sua resposta que, todo aluno tem medo do estigma de que os textos argumentativos são os mais complicados e isso se dá pelo fato de que nem sempre gostam de ler e expor seu ponto de vista, para eles é assustador quando este é de forma escrita, pois a palavra redação ainda carrega o peso da reprovação nos vestibulares, uma vez que não conseguimos ainda convencer o nosso aluno de que não precisa usar uma linguagem complicada nem texto desse porte, mas uma linguagem correta e seguindo a norma culta, na mesma pergunta feita ao professor "C" ele disse que os alunos tem maior dificuldade em trabalhar com, Textos de assuntos científicos pelo fato de terem uma linguagem mais difícil de compreenderem e também por muitos não gostarem de assuntos científicos.

Comentários: Acredita-se que quando se trata de produção, os alunos tem o medo de escrever pelo fato de possuir pouco conhecimento, ou seja, leem pouco e não consegue produzir com facilidade o que é proposto nas aulas, em declaração pelos professores, eles dizem que a maior dificuldade dos alunos é atribuído a textos relacionados ao seu ponto de vista, trazer argumentos e defender cada um de forma correta e convincente, sendo que, quando se fala em redação os alunos ainda traz uma concepção muito restrita para escrever e expor seus argumentos diante de um problema que atinge a sociedade no mundo atual no qual vivemos.

P9:VOCE CONSIDERA O LIVRO DIDÁTICO ATUALMENTE ADOTADO ADEQUADO PARA SE TRABALHAR OS GÊNEROS TEXTUAIS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA?

O professor "A" respondeu que não, pois geralmente o livro aborda um ou dois tipos de gêneros apenas, sendo que ele poderia trazer mais opções, pois o aluno teria a oportunidade de conhecer mais, e não só os sugeridos pelo livro didático, enquanto que o professor "B" também afirma que não, nem acho que

exista o livro adequado, mas o planejamento adequado , com uso de vários suportes além do livro didático, já o professor “C” em seu ponto de vista que sim, pois traz em sua estrutura textual os mais variados gêneros textuais que são pertinentes aos alunos do ensino fundamental.

Comentários: Para responder esta pergunta, apenas um professor participante da pesquisa concorda que o livro didático adotado nos dias atuais é adequado para se trabalhar os mais variados gêneros textuais na língua portuguesa, pois sua estrutura é suficiente para alunos daquela faixa etária, enquanto que os outros dois professores dizem que deve ser ampliado as oportunidades além do livro didático, pois só ele não é capaz de mostrar a diversidade do ensino nas escolas ,nem tão pouco existe um livro adequado a todas as situações presentes na sala aula, e sim o professor tem que exercer seu papel de planejar usando vários suportes que possibilitem maior aprendizagem e melhor desempenho do público na qual está sendo atendido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração as exposições feitas neste trabalho, notou-se que especificamente no ensino da leitura com gêneros textuais de várias tipologias, ainda existem uma série de problemas a serem reparados. A forma de abordagem do tema em sala de aula, as dificuldades de produção e de compreensão dos textos lidos pelos alunos, são alguns deles. Foi por meio desta pesquisa, e também por vivências em sala de aula que tivemos o panorama da realidade escolar no Brasil e que foi possível perceber que, nas escolas, a leitura ainda precisa quebrar “tabus”, pois, ainda é vista como algo sem muita relevância tanto por parte dos alunos como por alguns professores. No mais ver, o ato de ler tem um papel fundamental para o crescimento cultural e intelectual de qualquer indivíduo.

Sabe-se que o ensino hoje, no Brasil, ainda enfrenta grandes dificuldades, mas se os alunos tiverem o compromisso com os estudos e puderem contar com a escola e com professores comprometidos, que tenham uma visão diferenciada para o ensino da leitura em vários contextos. A partir do momento em que o professor ajudar os alunos a compreenderem o significado real da importância, da diversidade existente na leitura em suas vidas, com certeza teremos um ensino mais qualificado e, conseqüentemente, alunos aptos a fazerem uma leitura eficaz e produtiva. Assim, esses alunos terão condições de aprenderem a partir dos textos que leem.

Então, alcançaremos avanços no que diz respeito à aprendizagem significativa, poderemos dizer que formamos leitores autônomos capazes de ter um posicionamento diante dos vários tipos de textos existentes no nosso cotidiano, e não apenas teremos aqueles alunos limitados a decodificar códigos existentes no contexto escolar e social.

Há possibilidades que podem nos levar a alcançar resultados na formação do leitor, se fizermos investimentos em aulas estratégicas que possibilitem ao aluno um contato mais prazeroso com a leitura, para que ela deixe de ser uma obrigação, e passe a fazer parte do cotidiano prazeroso, para isso deve ter um conhecimento amplo e que seja um instrumento fundamental para novas descobertas, mas é necessário maior interesse no que diz respeito ao ensino da leitura em si, é preciso pensar na leitura como prática social e não só como objeto de conhecimento, pois tudo gira em torno da leitura, em todos os momentos de nossa existência ela está presente.

Os professores que foram questionados em suas práticas com o uso da leitura de gêneros textuais, são profissionais qualificados nas turmas em que atuam, porém, o ensino ainda está pregando o uso da gramática como aprendizagem de maior foco, embora que a leitura e compreensão já tenha alcançado um campo bem mais amplo na atualidade. Foi possível identificar que o método tradicional de ensino ainda está muito presente em sala de aula. Nota-se assim que seria necessário incentivar os professores a participarem de cursos de capacitação e ou formação para que os mesmos possam ampliar seu universo de conhecimentos e assim explorar aulas mais dinâmicas e prazerosas para que ocorra uma maior motivação por parte dos alunos e assim aconteça o gosto pela leitura. É evidente que não depende somente da escola e dos professores para se obter um resultado melhor e bem mais significativo tem de partir da iniciativa dos alunos também, o interesse em aprender, mas para isso é necessário existir a necessidade de motivação e incentivo, é preciso que alguém lhes mostre o caminho a seguir e quais os primeiros passos a serem dados. Esse é o papel que a escola deve mostrar, permitir aos alunos oportunidades de aprender realmente e a importância da leitura na vida de todo o cidadão, para que ele possa, por si só, visualizar novos caminhos com novas descobertas e, assim, tornar-se um leitor crítico, reflexivo e competente. Analisou-se, um fato comum entre a maioria dos alunos da educação básica, falta o gosto pela leitura, fazem uso dela somente para a tarefa escolar, bem como participam de aulas que são desmotivadoras e cansativas e que abordam, em sua maioria, assuntos relacionados às regras gramaticais.

REFERÊNCIAS

A importância da leitura escolar como crescimento e formação do leitor. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cch/eb/enebd/ComunicacaoOral/TemaLivre/importanciadaleitura>> Acesso em: 10 de outubro de 2016

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. Tradução de: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BAKHTIN, MIKHAIL. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino fundamental II)**. Brasília: MEC, 1997 e 1998

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1998.

Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel (Orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003 19-36.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 14. ed. São Paulo: Pontes, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e Compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

Leitura em sala de aula. Disponível <http://www.portaladm.adm.br/Metodologia/4.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro de 2016

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artimed, 1998.

SCHENEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHENEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. 71-91

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 5. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.